

Palavra e Espírito

Pe. Vitorio M. Cipriani *

É meu desejo, em primeiro lugar, agradecer ao ITESC por ter-me convidado a fazer esta contribuição para sua revista de reflexão teológica. Espero somente poder corresponder à confiança que me foi depositada.

Refletindo sobre a proposta de escrever um pequeno artigo a respeito do Espírito, cheguei à conclusão de que seria interessante partilhar com os leitores algumas idéias sobre a relação *palavra* e os termos *ruah* (Hebraico) e *pneuma* (Grego), ambos tomados nos seus diversos sentidos em que são empregados pela Escritura e pelo Novo Testamento, e tentar estabelecer os aspectos nos quais eles são utilizados em algumas passagens¹, numa e outra parte da Bíblia.

Antes de entrar no assunto que propriamente nos ocupa, parece-me importante fornecer algumas precisões sobre a linguagem que vou empregar em diversos momentos deste trabalho. Falei, no parágrafo anterior, de *Escritura* e *Novo Testamento*, estabelecendo desta maneira uma distinção entre as duas partes daquilo que nós comumente chamamos *Bíblia*. É sabido que o cânon da primeira parte da Bíblia, a Torah, Pentateuco, foi fixado por volta do ano 500 aC.; o cânon dos Profetas, segunda parte da Bíblia, foi, por sua vez, fixado por volta do ano 400 aC.; a terceira parte da Bíblia hebraica, os Escritos, só foi definitivamente fixada, pelas autoridades da Sinagoga, na virada do primeiro para o segundo século de nossa era².

Por um lado, todo o Novo Testamento é testemunha e reflexo desta situação; veja-se, por exemplo, ao longo dos Evangelhos e dos outros escritos neotestamentários, o emprego metódico das expressões *Lei* (ou *Lei de Moisés, Moisés*) para designar a primeira parte da Bíblia; *Profetas*, para designar a segunda parte; e observe-se, também por todo o Novo Testamento, a hesitação patente sempre que os autores desejam se referir à terceira parte da Bíblia hebraica; somente duas passagens manifestam uma certa clareza a este respeito: *Lc. 24,27* e *Lc. 24,44*. Tudo isto indica que os pensadores cristãos do N.T. assumiram, muito naturalmente, o que estava acontecendo no mundo judaico sinagoga a este respeito e, acima de tudo, assumiram a postura fundamental da Sinagoga que defendia o emprego do termo *Escritura* em sentido restrito, isto é, Palavra de Deus escrita, para distingui-la da outra Palavra de

Deus, em princípio não escrita, chamada de Palavra Oral.

Em resumo, os pensadores cristãos do Novo Testamento sabiam que o que estavam produzindo não podia ser chamado de *Escritura*, palavra de Deus escrita, e sim de *palavra de Deus oral*. O fato de o Novo Testamento ter sido posto por escrito, da mesma maneira que a Literatura Rabínica, é meramente circunstancial e não altera a natureza das coisas. Manterei, portanto, as distinções mencionadas acima.

São muitas as passagens na Escritura hebraica que empregam o termo *ruah*, ou, na Bíblia grega, o termo *pneuma* que traduz, de modo geral, a palavra hebraica *ruah*. Os tradutores da Bíblia grega, judeus que eram, escolheram o termo grego *pneuma* porque reconheceram nele os sentidos fundamentais da palavra hebraica: *vento, sopro e ar* e, pelo latim, o que chamamos de *espírito*. Vale a pena observar que o termo latino *spiritus* significa *o que não é material* e, neste sentido, ele corresponde muito bem à noção tanto hebraica quanto grega. Pode-se evidentemente perceber os sintomas do *ar, vento e sopro e espírito*, mas não se consegue apanhar, pegar *essas realidades*, da maneira como se apanham outras *coisas*. Portanto, quando se traduz o termo hebraico *ruah* ou o termo grego *pneuma* por *espírito* deve-se estar atento a este fato fundamental: trata-se de algo que não se apanha materialmente como acontece com as outras coisas. *Spiritus*, portanto, nada tem a ver diretamente com Deus ou teologia; fala-se até mesmo no *espírito* do álcool (*At. 2,13;15*). Quando o termo é empregado em referência a Deus ou à teologia está-se designando Deus pela maneira como Ele se faz ou está presente na nossa realidade material: isto é, não materialmente, *espiritualmente*; e é precisamente isto o que acontece com os conceitos hebraico e grego. Deus não pode ser apanhado pelos sentidos materiais; somente pode

"Os três termos, portanto, ruah - do hebraico, pneuma - do grego e spiritus - do latim, se correspondem muito bem"

ser captado por um outro sentido, não material, que podemos chamar de *fé*. Os três termos, portanto, *ruah* - do hebraico, *pneuma* - do grego e *spiritus* - do latim, se correspondem muito bem.

É neste nível das coisas que se estabelece a relação entre *palavra* (em primeiro lugar e acima de tudo, *oral*), de um lado e *ruah*, *pneuma* e *spiritus*, de outro. Note-se, em primeiro lugar, o óbvio: não existe *palavra* (oral) sem *ruah*, *pneuma*, *spiritus*³. No âmbito da *palavra*, seja ela *humana*, ou mesmo de qualquer outro som ou ruído que possa ser produzido por seres animados, *ar*, *vento* ou *sopro*, e, portanto, *espírito* são absolutamente indispensáveis; sem estes elementos a *palavra* é impossível, pois são eles que lhe dão vida; basta tentar! O outro lado desta observação é igualmente fundamental: é precisamente o *ar*, *sopro*, *vento*, *espírito* que conduz, veicula a *palavra* a fim de que ela possa ser espalhada, levada e captada. Naturalmente, fala-se, neste nível, de uma *palavra* que poderíamos classificar como *material*, terrestre, que pode ser captada pelos sentidos *materiais*, sejam eles humanos ou não.

Sabemos que não existe, propriamente falando, uma linguagem, uma *palavra* para a teologia, pelo menos não no nível humano; todo o linguajar teológico origina-se de nossas relações conosco mesmos e com o mundo material no qual vivemos e do qual fazemos parte. Neste sentido, o que chamamos linguajar teológico é, antes de mais nada, a linguagem *material* que foi *desmaterializada*, elevada a um nível simbólico, analógico, precisamente para poder designar uma realidade, especificamente Deus e, por extensão, tudo o que lhe diz respeito, que não é material; a linguagem teológica não caiu do céu; sua origem está em nossa própria realidade. Como falar, então, de uma *palavra de Deus*, ou da própria *presença de Deus* senão analogicamente, simbolicamente?

É neste quadro que podemos nos dar conta do salto que a *palavra*, e o *sopro* que a torna possível e o *ar* que a veicula fazem para poder representar, designar a *palavra divina* e o *sopro*

"A Palavra de Deus é uma realidade na ordem da teologia, do espiritual"

(*espírito*) divino que a torna possível e o *sopro* (*espírito*) que ela veicula!

Evidentemente, Deus não fala à nossa maneira; e, por extensão, não tem necessidade de *ar*, *sopro*, *vento*, (*espírito*), no sentido próprio, material, nem para falar, nem para que sua *palavra* seja veiculada! A *Palavra de Deus* é uma realidade na ordem da teologia, do *espiritual*, e, por conseguinte, ela somente é possível através de um *ar*, *vento*, *sopro*, *espírito* na mesma ordem teológica; igualmente, é somente um *ar*, *vento*, *sopro*, *espírito* na ordem teológica que a veicula e que ela veicula.

Podemos, então, construir o seguinte esquema, por assim dizer: assim como a *palavra humana* necessita de *ar*, *vento*, *sopro*, no sentido próprio, para que possa acontecer, e é o mesmo *ar*, *vento*, *sopro* que a veicula, assim também, analogicamente, a *palavra de Deus* necessita do *ar*, *vento*, *sopro*, simbólicos, isto é, do *espírito*, para que ela possa acontecer e ser veiculada e ser, ao mesmo tempo, veículo do *espírito*. Vejamos alguns textos.

Gn. 1,1-3 apresenta os três elementos fundamentais: Deus, o espírito (*ar*, *sopro*, *vento*) e a *palavra*. A passagem quer ser, por parte de seus redatores, uma colocação inicial, fundamental⁴ da relação entre *Palavra de Deus* e *Espírito*. No primeiro versículo é feita a proclamação teológica básica: 'o Deus criador'; no fim do segundo versículo, após a declaração do estado caótico universal, o teólogo introduz o *Espírito*⁵, fazendo-o pairar sobre as *águas*, o grande símbolo do caos, ausência de vida, morte; note-se, entretanto, o estado claramente impotente do *espírito* em relação ao caos; é no versículo terceiro que encontramos o elemento que vai agilizar o *espírito* e torná-lo potente e poderoso para a transformação do caos em cosmo: "E Deus disse...": a *palavra*. É a *palavra*, oral, com a força vital que lhe é própria, que movimenta, por assim dizer, o *Espírito*, que lhe dá a força, e faz com que ele alcance, atinja o caos e o transforme. A seqüência do terceiro versículo já manifesta esta força: 'a luz' cósmica suplanta as trevas caóticas; não se trata ainda da luz dos astros, mencionada nos versículos seguintes, mas da luz espiritual, teológica, a luz 'dos justos' como diz a tradição farisaica.

Um segundo texto, Nm. 11,16-17.24-25, poderoso na sua teologia, é precisamente construído sobre esta relação *palavra* — *espírito*. Provavelmente uma redação pós-exílica, nas circunstâncias da ocupação do império persa, e, conseqüentemente, diante da impotência política dos exilados que retornaram, o autor defende, obviamente com argumentação teológica, a instituição dos Setenta Anciãos, uma autoridade interna, teológica e própria a Israel, encarregada de conduzir o povo. Evidentemente, este tipo de autoridade em Israel tem que receber sua legitimidade de Moisés. O versículo 17 diz: "Eu (Deus) descerei para *falar* contigo (Moisés); tomarei do *espírito* que está em ti e o porei neles...". A idéia de Deus *descer* é interessante e está ligada ao fato de o grupo estar reunido em torno da Tenda de Reunião, o *centro teológico*, o lugar da entrada, da passagem, da comunicação entre o divino e o humano. O que nos importa, entretanto, é a seqüência: Deus *fala* a Moisés; é esta *fala divina* a Moisés que lhe comunica o (o *sopro*, *vento*, *ar*) *espírito*. E é somente em seguida, a partir de Moisés, que o *espírito* pode ser comunicado aos Anciãos. Observe-se, pois o fato refletir a teologia do Sinai, da revelação, que Deus não *fala* com os Anciãos; Ele fala somente com Moisés; observe-se, por extensão, que Deus não derrama diretamente

seu *espírito* sobre os Anciãos; derrama-o, sim, mas através de Moisés; é somente então que os Anciãos recebem o *espírito* ⁶. Em se tratando da teologia da revelação, do Sinai, Moisés é o intermediário entre Deus e o Povo; é por ele, portanto, que a *palavra divina* deve passar para o povo, como também é por ele que o *espírito divino* deve passar para o povo. Para essa teologia bíblica, tudo vem de Deus através de Moisés.

O terceiro e quarto textos que escolhi são passagens do Novo Testamento; a razão da escolha é mostrar que essa relação *palavra - espírito* não é algo que se limita à Escritura, mas que faz parte fundamental da teologia dos escritos neotestamentários.

A passagem da Visitação, Lc. 1,39ss, é típica. O versículo 41 diz que, à saudação de Maria, houve duas conseqüências: a criança, João, estremece no ventre de Isabel (2Sm. 6,14) e a própria Isabel fica "repleta do Espírito Santo". A primeira conseqüência é particularmente importante: ela se inspira em 2Sm.6,14 que diz: "Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor"; a dança de Davi diante do Senhor transforma o movimento normal de uma criança no ventre materno, João no ventre de Isabel, numa realidade teológica: João estremece, isto é, dança de alegria por se descobrir na presença do Senhor que, por sua vez, encontra-se no ventre de Maria. Esta descoberta nos leva a outra, mais importante: a saudação, dita de Maria, não vem propriamente de Maria mas, através dela, de Jesus, o Senhor, que se encontra em seu ventre, e é dirigida, não a Isabel, mas através de seus ouvidos, a João. Maria é, portanto, apresentada como a porta-voz, profetisa de Deus, aquela por quem Deus fala; e Isabel, por sua vez, representa os ouvidos (do povo de Deus) que ouvem a sua *palavra*.

A segunda conseqüência é uma decorrência lógica: "Isabel fica repleta do Espírito Santo". A *palavra* de Deus, dita por Jesus, no ventre de Maria, e através de Maria, sua porta-voz, a João, por intermédio de Isabel, é uma *palavra* carregada de sopro, vento, ar, leia-se, de *Espírito*. A continuação do texto da Visitação é iluminadora: o Espírito, que veio a Isabel pela *palavra* ⁷, agora leva Isabel de volta à *palavra* ⁸ para que ela inspire à palavra escrita, sem força vital, a força esclarecedora de uma leitura definitiva, plena, cristã. A Palavra divina é dita com Espírito; ela conduz o Espírito a quem esteja disposto (a) a ouvi-la; e o Espírito leva o ouvinte da Palavra de volta à Palavra para uma compreensão plena. Os três aspectos da exclamação de Isabel nos vs.42 e 43: "Bendita és tu entre as mulheres" (Jz.5,24; Jt.13,10); "Bendito é o fruto do teu ventre" (Dt.28,3); "Donde me vem que a mãe do meu Senhor

me visite" (2Sm. 6,9), são passagens tomadas diretamente da Escritura e a cada uma delas, o evangelista faz, na boca de Isabel, uma leitura plenificante.

A passagem seguinte, e última, que escolhi para considerar, é 2Cor 3. Paulo pergunta a seus leitores se, como outros pregadores, ele também precisa de *cartas* de recomendação ⁹. O termo grego traduzido por *carta* é *epistolé*, e ele pouco interessa no contexto. Procure-se, no entanto, o termo hebraico para *carta* — *miHTaB* — do radical *KTB* — escrever, e ter-se-á a chave linguística que está na base da discussão nesses versículos. *Carta*, evidentemente, é palavra escrita, grafada; portanto, palavra sem sopro, vento, ar, espírito: sem *ruah*, sem *pneuma*. Palavra escrita, grafada, é letra morta. Pelo contrário, diz Paulo a seus leitores, ele tem, em seus fiéis, em suas comunidades, uma palavra viva, cheia de (sopro, ar, vento =) *Espírito*. Portanto, como ele diz na seqüência, e aqui a linguagem se torna inadequada: "...sois uma *carta* de Cristo, ... escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus

vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações". Paulo se inspira, para sua reflexão, em Jr.31,31ss., que, por sua vez, é uma meditação de Ex.32.

É o autor de Jr. 31,31ss, e não Paulo, quem faz o audacioso salto de linguagem em relação a Ex.32; aqui, em Ex.32, a palavra da Aliança está *escrita* em *tábuas de pedra*, palavra sem sopro, ar, vento, entenda-se, sem *espírito*; por isso, letra morta; leia-se, diria ele, meramente exterior; na *nova* Aliança (que evidentemente não é uma *outra* Aliança), a palavra, o documento da relação entre Deus e Israel estará escrito no coração (Jr. 31,33), leia-se, na própria identidade do povo; o que é exterior, o que não faz parte da identidade, o que não faz parte das convicções fundamentais, pode facilmente ser rompido; pelo contrário, o que se torna parte fundamental das convicções, não será rompido; por suas convicções fundamentais o ser humano é capaz de dar sua vida. Este é o sentido da "Aliança nova" (Jr.31,31; 2Cor.3,6; Lc.22,19), e é neste sentido que a expressão foi empregada para designar os escritos cristãos. Diferentemente da palavra escrita, letra morta, a *palavra oral* é carregada de força, de espírito.

Que a Aliança esteja, analogicamente, baseada sobre a *palavra oral* e não sobre a *palavra escrita*, não é novidade para a teologia sinagoga da Palavra. Do Talmud de Babilônia, tomo a seguinte tradição emprestada: "R. Yohanan disse: Deus fez aliança com Israel somente em função da *palavra oral*, como diz a Escritura: "Pela boca destas palavras ¹⁰ eu fiz aliança contigo e com Israel" (Ex.34,27; Talmud de Babilônia, Guittin 60b.

*"O Espírito leva o
ouvinte da Palavra
de volta à Palavra
para uma
compreensão
plena"*

* O Autor é especialista em Exegese rabínica e professor de Exegese Bíblica no ITESP - SP

NOTAS

¹ Nenhuma pretensão de esgotar, seja o assunto, seja os textos que poderiam ser tratados a partir desta ótica.

² Veja, na *Bíblia de Jerusalém*, introdução, a página intitulada 'Lista dos Livros da Bíblia Hebraica'. A TEB é a primeira edição da Bíblia em língua portuguesa, a seguir a ordem dos livros da Bíblia Hebraica. As citações da Escritura e do Novo Testamento serão segundo a Bíblia de Jerusalém.

³ A palavra escrita, grafada, é, por natureza, morta: sem sopro, vento, ar, espírito; ela perdeu precisamente aquilo que dá vida à palavra; e é disto que trata *2Cor 3*, como veremos abaixo.

⁴ Não se trata, evidentemente, de uma abordagem cronológica de Gênesis e nem, muito menos, dos outros livros da Bíblia; trata-se, sim, de uma abordagem *teológica*; e *teologia* é a razão de ser da Bíblia. Em teologia não há anterior ou posterior.

⁵ Em maiúscula, pois ele representa a maneira da presença divina. Esta presença, no entanto, ainda é ineficaz sem a força da palavra.

⁶ As traduções correntes indicam que o dom do Espírito foi meramente circunstancial (BJ: *e nunca mais o fizeram*). Isto é indefensável: o texto Hebraico não somente permite entender o contrário ("*...e não cessaram*"), como a teologia do texto exige que assim se leia a passagem.

⁷ Palavra divina, reveladora.

⁸ Entenda-se, evidentemente, a Escritura.

⁹ Werner H.KELBER, *The Oral and the Written Gospel*, Fortress Press, Philadelphia, USA, 1983.

¹⁰ A expressão 'pela boca' (hebr.: 'al'pi'), é traduzida pela BJ por "segundo o teor".

Endereço do Autor:

Seminário dos Padres de Sion
Rua Xavier Curato, 42
04210-100 Ipiranga SÃO PAULO SP

PALAVRA DO DIRETOR

Chegou o ano do nosso Jubileu de Prata. Embora S. Paulo ache que têm razão tanto os que encontram diferenças entre os dias, quanto os que pensam que eles se equivalem (cf Rm 14,5), nós somos de opinião que este ano tem de ser diferente dos demais aqui vividos.

Em primeiro lugar, é preciso que este ano seja marcado pela gratidão. Sem dúvidas, nestes vinte e cinco anos, muitas coisas boas aconteceram no nosso ITESC. Por exemplo, 335 padres aqui receberam sua formação teológica. A maioria deles está dando sua contribuição ao Reino de Deus em nosso Regional, mas muitos deles estão espalhados pelo Brasil e alguns até na África e nas Filipinas. Não se pode esquecer também do significativo número de leigos e leigas, religiosos e religiosas que, cursando os quatro anos de teologia, daqui saíram mais conscientes e seguros de sua missão na Igreja e, hoje, estão assumindo os mais diferentes ministérios em várias dioceses, paróquias e congregações religiosas.

É claro que nossa gratidão em primeiro lugar se dirige a Deus. Dele é que tudo provém, e sem ele não somos capazes de nada. Por isso, neste ano jubilar, queremos dar graças a Deus, a quem nestes vinte e cinco anos procuramos servir, tendo sempre em nossas orações estes irmãos e irmãs que ajudamos a formar (cf 2Tm 1,3).

Neste momento de agradecer, não podemos esquecer os que nos antecederam. Nossos profundos agradecimentos às direções, aos professores(as) e aos funcionários(as) que aqui deram parte de suas preciosas vidas. Dois nomes, no entanto, deverão ser citados. Dom Afonso Niehues e Pe. Paulo Bratti. Dom Afonso, como Presidente do Regional Sul IV e da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, junto com os demais Bispos catarinenses da época, foi fundador e construtor do ITESC. Pe. Paulo Bratti, num contexto ideológico adverso, inspirou a linha de ação do ITESC e, como diretor, a sustentou por 10 longos anos. É lógico que aos atuais professores(as), funcionários(as) e direção, de todo o coração, também registramos os nossos agradecimentos.